



# ERO ERE

NEGRAS CONEXÕES

**GUIA PARA  
EDUCADORES**

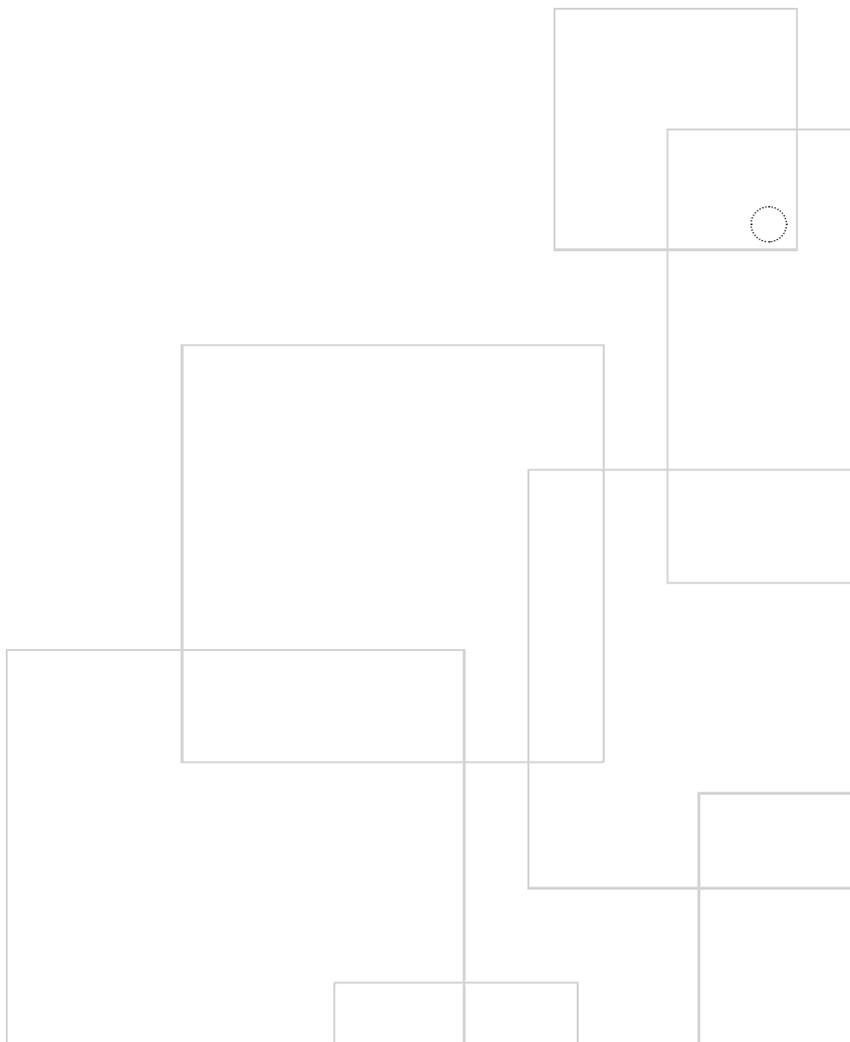


## ■ Conheça o MAC-PR

O Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC-PR) foi fundado em 1970 com a finalidade de estimular e divulgar a criação artística contemporânea, além de abrigar e preservar um acervo de arte com cerca de 1.800 obras pertencente ao Estado. Desde então, realiza mostras do acervo e exposições individuais e coletivas de artistas contemporâneos.

Sua sede própria, um prédio de estilo eclético construído em 1928 e tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, está passando por obras de restauro e reforma. Durante este período, o MAC-PR está funcionando nas dependências do Museu Oscar Niemeyer (MON).

As exposições e eventos do MAC-PR ocorrem nas salas 8 e 9 do MON; o Setor de Documentação e Pesquisa, aberto para atendimento ao pesquisador de arte, está funcionando ao lado da sala 10, no subsolo.



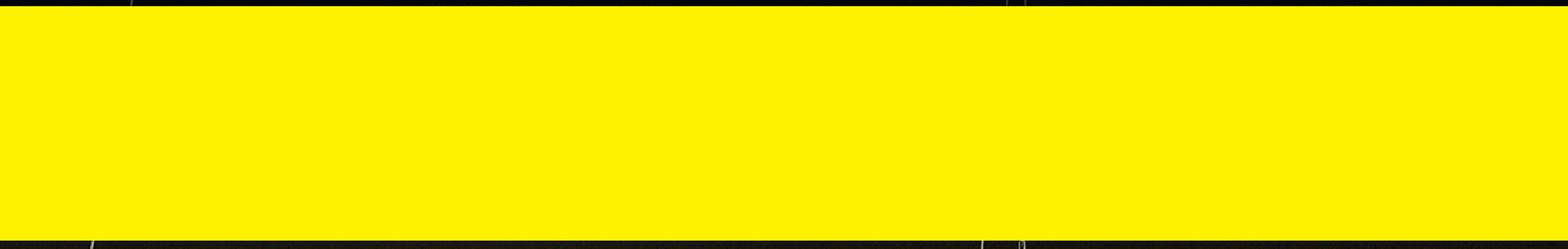
O material que disponibilizamos aqui tem o objetivo de ajudar você, educador, a realizar um trabalho completo com sua turma sobre a visita ao museu.

## ■ Como utilizar este material

Aqui estão reunidas informações sobre a exposição “Ero Ere: negras conexões”, algumas sugestões de como introduzir sua turma à experiência e ainda alguns caminhos para retomar na sala de aula os temas e discussões trabalhados durante a visita mediada, estimulando também a ação criativa da turma.

Neste material não determinamos uma faixa etária para a aplicação das questões disparadoras e das atividades – cabe ao professor traduzir as reflexões propostas aqui à dinâmica própria de cada turma, seja por meio da adaptação da linguagem ou do assunto, da escolha de materiais ou de conexões com outras matérias e conteúdos trabalhados anteriormente.

Deste modo, as atividades podem ser realizadas individual ou coletivamente, e a elas serem acrescentadas outras ideias que estejam alinhadas ao trabalho pedagógico desenvolvido por cada um. Fique livre para fazer um *remix* deste material!



# ■ Índice



<b>Ero Ere: negras conexões</b>	<b>6</b>
<b>Tecendo Histórias</b>	<b>7</b>
Claudia Lara	8
Eliana Brasil	9
<b>Atividade</b>	<b>10</b>
<b>Corpo-paisagem</b>	<b>12</b>
Lana Furtado	13
Lourdes Duarte	14
<b>Atividade</b>	<b>15</b>
<b>Raízes Culturais</b>	<b>16</b>
Walkyria Novais	17
Fernanda Castro	18
Kênia Coqueiro	19
<b>Atividade</b>	<b>20</b>
<b>Oficinas e eventos na exposição</b>	<b>21</b>
<b>Referências e textos complementares</b>	<b>22</b>
<b>Ocupe o MAC-PR</b>	<b>23</b>

# Ero Ere: negras conexões

A exposição “Ero Ere: negras conexões” apresenta trabalhos das artistas Claudia Lara, Eliana Brasil, Fernanda Castro, Kênia Coqueiro, Lana Furtado, Lourdes Duarte e Walkyria Novais, membros do coletivo Ero Ere, formado em 2018 em Curitiba por mulheres artistas.

Os trabalhos com matéria têxtil que alinhavam a pesquisa de boa parte destas artistas ocupam historicamente uma zona limiar entre o trabalho doméstico não remunerado e o trabalho informal. Neste contexto, o espaço da casa e o espaço da cidade apresentam questões complexas de diferentes níveis de cerceamento das possibilidades de atividades profissionais e de liberdade num todo. A questão do direito ao trabalho e do acesso às academias de arte adquire nuances importantes quando se trata de artistas mulheres negras, e é a partir desta diferença de posição que devemos considerar alguns dos aspectos mais importantes da questão. Por qual motivo, entre trabalhos de fotografia, livros de artista, instalações, pintura e cerâmica, a arte têxtil apresentaria, ainda hoje, uma singular força de resistência? Suponho que seja uma questão de lugar. Por demarcar um lugar de ocupação e direito de permanência como resistência. A manutenção de um saber tradicional passado de geração para geração possibilita aqui inventar novas lógicas do tecido social no fortalecimento de redes, tramas e enredamentos coletivos.

A exposição se divide em três nichos: o primeiro apresenta trabalhos de arte têxtil. Instalações, pintura, objeto e três estandartes estruturam nosso percurso no espaço, possibilitando vistas de dentro e de fora, e da frente e do verso das coisas. A ideia de ciclo é

a tônica desta sala. O princípio da reproduzibilidade e a questão da paisagem e suas materialidades atravessam principalmente os trabalhos do segundo espaço da exposição. De um lado a paisagem nostálgica, de outro, o convite ao toque e à aproximação. A materialização dos vazios do corpo e seus fragmentos. A matéria da paisagem que molda o corpo, moldada pelo corpo. Vemos enfim um panorama de fotografias no qual a vista excessivamente aproximada de fragmentos da natureza instaura a ambiguidade do que é corpo e do que é paisagem. No terceiro espaço, fotografias de mulheres quilombolas paranaenses em um panorama de 20 metros ocupam duas paredes. Estes trabalhos colocam a imagem da mulher, da mãe e da filha, de modo atravessado, assim como a questão da memória é apresentada de diferentes maneiras na produção de retratos, na reelaboração do passado ao remexer e reorganizar em forma de obra os objetos guardados da mãe ausente e buscar ligar a história de quatro gerações de mulheres da família com certidões de nascimento, casamento, divórcio e óbito. Terminamos por fim com imagens e vozes de diversas outras mulheres negras na videoarte que apresenta relatos de situações em que sofreram racismo.

Ao finalizarmos com a abertura para a fala destas outras mulheres negras, deparamo-nos com a riqueza da ausência de linearidade presente na proliferação destas vozes, vidas e experiências que dão corpo e forma a um tecido composto pela diferença. Diferentes níveis de tensão, linhas de força formando emaranhados e proliferações. Uma trama complexa costurando histórias daquelas que também têm direito à memória. Terminamos enfim reafirmando as palavras de Eliana Brasil “nós também estamos aqui”.

**Emanuel Monteiro** | *Curador*

# Tecendo histórias

*As histórias são bálsamos medicinais. (...). Elas têm uma força! Não exigem que se faça nada, que se seja nada, que se aja de nenhum modo – basta que prestemos atenção. A cura para qualquer dano ou para resgatar algum impulso psíquico perdido nas histórias. Elas suscitam interesse, tristeza, perguntas, anseios e compreensões que fazem aflorar [imagens do nosso inconsciente] (...). No entanto, (...) em cada fragmento de história está a estrutura do todo.*

(CLARISSA ESTES, 1999, p. 30).

*Um mestre contador de histórias africano não se limitava a narrá-las, mas podia também ensinar sobre numerosos outros assuntos (...). O conhecimento não era compartimentado. O mesmo ancião (...) podia ter conhecimentos profundos sobre religião ou história, como também ciências naturais ou humanas de todo tipo. Era um conhecimento (...) segundo a competência de cada um, uma espécie de “ciência da vida”; vida considerada aqui como uma unidade em que tudo é interligado, interdependente e interativo; em que o material e o espiritual nunca estão dissociados. E o ensinamento nunca era sistemático, mas deixado ao sabor das circunstâncias, segundo os momentos favoráveis ou a atenção do auditório.*

(BÂ, 2003, p. 174-175).

## CLAUDIA LARA

**Nasceu** em 1964, em Curitiba, Paraná

**Estudou** Educação Artística na Faculdade de Belas Artes e pós-graduação em História da Arte Moderna e Contemporânea na

EMBAP

**Vive e trabalha** em Curitiba, Paraná

### **Sobre seu trabalho**

Para esta exposição, a artista apresenta obras em suporte têxtil com bordado manual e mecânico, aplicações de tecido, crochê e pintura acrílica sobre feltro e linho. Em sua série mais recente, denominada “Ninhos” (2015-2019), Lara retoma temas que lhe são caros: o aconchego, o feminino e uma estética do conforto que propõe um olhar para dentro de suas memórias, uma busca pelo pertencimento. Nas obras *Lua do Crescer*, *Plenilúnio* e *Lua da Cura*, a artista apresenta, por meio de estandartes, os ciclos da vida da mulher relacionando-os com a lua, inspirada em culturas ancestrais, como símbolo de força e reconhecimento do poder feminino.



## ELIANA BRASIL

**Nasceu** em 1973, em Belo Horizonte,  
Minas Gerais

**Estuda** Artes Visuais na UFPR

**Vive e trabalha** em Curitiba, Paraná

### Sobre seu trabalho

A artista apresenta peças e instalações que combinam crochê, costura e memória para tratar de questões pertinentes à memória, a conexões femininas e à afetividade. O conceito de continuidade e crescimento é abordado no trabalho *Ciclo Contínuo* que está em permanente processo de construção. Na obra *Quando o Gesto vira Poesia* as memórias de uma infância longínqua são apresentadas sobre um manto em forma de rolo fotográfico, que permite rebobinar o passado em busca do presente. A artista também abre a exposição com a performance *Carne Nobre*, alusão feita à letra da música *A Carne* interpretada pela cantora Elza Soares. Eliana entende que ser mulher negra é carregar toda a somatória de uma história segregadora e racista.

*Habito um corpo político, se faz necessário usar esse corpo como instrumento de desalienação.*



# ATIVIDADE

## ESTANDARTES PARA A LUA por Claudia Lara

O têxtil é o suporte para as obras de Claudia Lara como uma homenagem às mulheres da família, que o usavam para seu sustento, passavam o ensinamento para novas gerações e faziam conhecimento prático, psicomotor e estético. Por isso, nesta atividade faremos como uma Griote, adaptando uma lenda de autor desconhecido para personagens em língua Yorubá, exaltando as mulheres e as fases da lua.

### PRIMEIRO MOMENTO

Apresentar as obras *Estandartes* de Claudia Lara, explicando que a artista inspirou-se nas fases da lua para fazer uma homenagem às mulheres em momentos diferentes de suas vidas, demonstrando que todas essas fases têm um objetivo e uma importância.

A *Lua do Crescer* é a lua crescente, que se assemelha à juventude, com grande energia para novos projetos, momento importante para a mulher na sua primeira menstruação, nas modificações do seu corpo.

A obra *Plenilúnio* é a lua cheia. Quando a mulher se sente plena e forte para cumprir seus objetivos. A mãe fértil, a profissional.

E a *Lua da Cura* é a lua minguante, que diminui até sumir do céu. É a mulher mais madura, a avó, a mulher sábia que deve ser valorizada pelo que já viveu e que pode ensinar e curar.

Essas obras em forma de estandarte são como bandeiras a serem levadas por todos os lugares, mostrando o universo de valores que a mulher acumulou durante sua história de vida e que deve ser reconhecido.

A partir disso, pode ser iniciada uma conversa com os alunos, questionando-os e fazendo-os pensar sobre esses aspectos da trajetória de suas mães, irmãs, avós.

## SEGUNDO MOMENTO

### ***Lenda de Orun e Osu e o Eclipse***

Era uma vez, em uma época em que não existia o mundo, que só existiam Orun, o Sol, e Osu, a Lua, que eram perdidamente apaixonados. Mas Olorun, que era Deus, resolveu criar o mundo e todas as águas e terras e todos os filhos das águas e do seio das terras. Criou plantas e animais de todas as cores e tamanhos e, como um toque final, resolveu colocar a luz, o brilho! E decidiu que Orun, o Sol, iluminaria o dia e que Osu, a Lua, iluminaria a noite. Então uma grande tristeza abateu-se sobre o casal de amantes, que seriam obrigados a viver separados.

Osu foi ficando triste e solitária, mesmo com seu brilho prateado. E Orun, mesmo com o título de “Astro Rei”, não estava feliz, sentia a falta da lua. Olorun os chamou e disse: “Vocês não devem ficar tristes, ambos possuem seu brilho! Tu, Osu, iluminarás as noites frias e quentes, encantarás os enamorados e serás diversas vezes motivo de cantos e poesias. Quanto a ti, Orun, iluminarás a terra durante o dia, fornecerás calor para os seres humanos e a sua simples presença fará as pessoas mais saudáveis e felizes.” Mas Osu chorava de tristeza e Orun, preocupado, pediu a Olorun que ajudasse a sua amada. Olorun aceitou o pedido e, reconhecendo o imenso amor do sol pela lua, criou as estrelas para fazerem companhia a ela. Hoje Orun e Osu vivem assim: separados na imensidão do espaço. Orun finge que é feliz, iluminando os céus. Mas às vezes, em dias nublados, se esconde atrás das nuvens

para chorar. Osu não consegue esconder sua tristeza e melancolia e às vezes chora e as estrelas a consolam. Dizem que a ordem de Olorun era que Osu vivesse sempre cheia e luminosa, mas ela não consegue porque é mulher, e uma mulher tem suas fases. Quando crescente, ajuda a todos com ideias novas e ânimo. Quando está feliz consegue ser cheia, luminosa e brilhar nos céus, fértil como uma grande mãe. Mas quando está infeliz é minguante, e quando minguante nem sequer é possível ver o seu brilho.

Fica recolhida em silêncio. Entretanto, Olorun decidiu que nenhum amor nesse mundo seria de todo impossível, nem mesmo o da Lua e do Sol. E foi assim que ele criou o Eclipse! Hoje Orun e Osu vivem à espera desse instante, desses raros momentos de amor que lhes foram concedidos e que custam tanto a acontecer. Então toda vez que acontecer um eclipse, todos saberão que aquele é um dia de felicidade para Orun e Osu. Quando o Eclipse é de Osu, ela fica vermelha e até o céu fica com tons avermelhados dos raios do sol. Quando o Eclipse é de Orun, o brilho prateado é tão forte que é por isso que aconselha-se aos humanos não olhar para o céu neste momento, pois seus olhos podem cegar ao ver tanto amor.

Autor desconhecido | adaptação de Claudia Lara

## TERCEIRO MOMENTO

**Pergunte aos estudantes:** Vocês já repararam como a lua muda de forma com o passar dos dias? Peça que escolham uma das formas da lua e bordem-a em uma tela de bordado ou retalho de tecido. Utilizando uma agulha sem ponta e lã colorida, podem preencher com pontos livres. Quem quiser pode costurar junto pequenos retalhos coloridos de tecido. Depois que os bordados estiverem prontos, os alunos escolhem como prender todos eles em um só tecido, fazendo um estandarte coletivo em homenagem à lua.

# Corpo-paisagem

*porque a moldura corta e recorta, vence sozinha o infinito do mundo natural, faz recuar o excedente, a diversidade. O limite que ela impõe é indispensável à constituição de uma paisagem como tal. Sua lei rege a relação de ponto de vista (singular, infinitesimal) com a — “coisa” múltipla e “monstruosa”*  
(CAUQUELIN, 2007, p. 137)

*O corpo é o sujeito e o objeto concomitantemente (olha e se olha, toca e se toca).*  
(BASBAUM, 2001, p. 102)

## LANA FURTADO

**Nasceu** em 1980, em São Luís,  
Maranhão

**Estudou** Processo Fotográfico  
no Instituto Federal do Paraná

**Vive e trabalha** em Curitiba, Paraná

### **Sobre seu trabalho**

Lana Furtado trabalha com retratos femininos, fotografia de famílias, de paisagem, documental e autoral. A série “Abstrato” é o resultado de uma investigação poética sobre as sensibilidades.

A artista faz um mergulho em seu universo espiritual, que se traduz em texturas fortes, contrastes de luz e sombra, uma ambiguidade que mescla a paisagem do entorno com a epiderme humana vista em superclose.

A escolha pelo resultado enigmático é o ponto de contato com o espectador, é nesse momento que a obra se completa.



## LOURDES DUARTE

**Nasceu** em 1958, em Muriaé,  
Minas Gerais

**Estudou** Artes Visuais/Escultura na  
EMBAP, pós-graduação na UNIP e  
especialização em Ensino da Arte  
na Educação Especial (Estação  
Pinacoteca de São Paulo).

**Vive e trabalha** em Curitiba, Paraná

### Sobre seu trabalho

Por meio de suas obras, representa o corpo feminino em suas múltiplas faces. Faz dele um território de passagem no contexto artístico, fruto de experiências culturais distintas. Percorre caminhos, relembrando suas origens, que se fazem presente em seu trabalho, transitando entre pintura e cerâmica. A obra *Corpo de tocar* traz no formato de livro de artista fragmentos do corpo impresso em linhas, resquícios de memória expressos nos contrastes de cores e luzes estouradas. Em *corpo de barro branco*, livro de artista II, faz uma reflexão sobre o corpo na arte contemporânea. Corpos transportando carga pictórica aparecem aqui como páginas de barro vazias, moldadas em gesso e reproduzidas em barro branco, que ecoam o peso da memória.



## ATIVIDADE

Inspirando-se nas fotografias abstratas de Lana Furtado proponha aos estudantes explorar o abstracionismo em produções fotográficas. A utilização do filtro preto e branco pode ser um caminho interessante para ressaltar linhas e texturas nos trabalhos.

Proponha também a presença do corpo nas produções. Estabelecendo uma conexão com o trabalho da artista Lourdes Duarte, peça para que, em dupla, os estudantes façam fotos em que o corpo e a paisagem se integrem de forma abstrata, trabalhando composição, linhas e formas.

# Raízes culturais

*Um povo que não tem raízes acaba se perdendo no meio da multidão. São exatamente nossas raízes culturais, familiares, sociais, que nos distinguem dos demais e nos dão uma identidade de povo, de nação.*

(PEDROSO, 1999)

*Quem não vive as próprias raízes não tem sentido de vida. O futuro nasce do passado, que não deve ser cultuado como mera recordação e sim ser usado para o crescimento no presente, em direção ao futuro. Nós não precisamos ser conservadores, nem devemos estar presos ao passado. Mas precisamos ser legítimos e só as raízes nos dão legitimidade.*

(PEDROSO, 1999)

## WALKYRIA NOVAIS

**Nasceu** em 1973, em Curitiba, Paraná  
**Estudou** Comunicação Social na UFPR,  
Desenho e Plástica na UFSM e  
especialização em Poéticas  
Contemporâneas no Ensino  
da Arte na UTP  
**Vive e trabalha** em Curitiba, Paraná

### Sobre seu trabalho

A artista pesquisa processos alternativos de fotografia como a cianotipia, que aborda a memória como um lugar inventado. Desenvolve também a temática afro, ligada à mitologia Nagô. Utiliza, além das tintas industrializadas, pigmentos naturais, argilas de diversas cores, cúrcuma, urucum, carvão e wagi (pigmento azul extraído de uma palmeira africana), sobre suportes alternativos e convencionais. Em *Memórias inventadas* ela recria um novo sentido para algo apropriado de sua mãe e propõe que toda memória é inverídica, inventada, formada por lacunas. No trabalho *Do fundo da gaveta*, Novais retrata sua relação com o filho e discute a maternidade. Já no livro de artista *Quando se planta a paisagem* o fio condutor é a busca pelo quintal da própria casa, por suas raízes.



## FERNANDA CASTRO

**Nasceu** em 1951, em Araçongas,  
Paraná

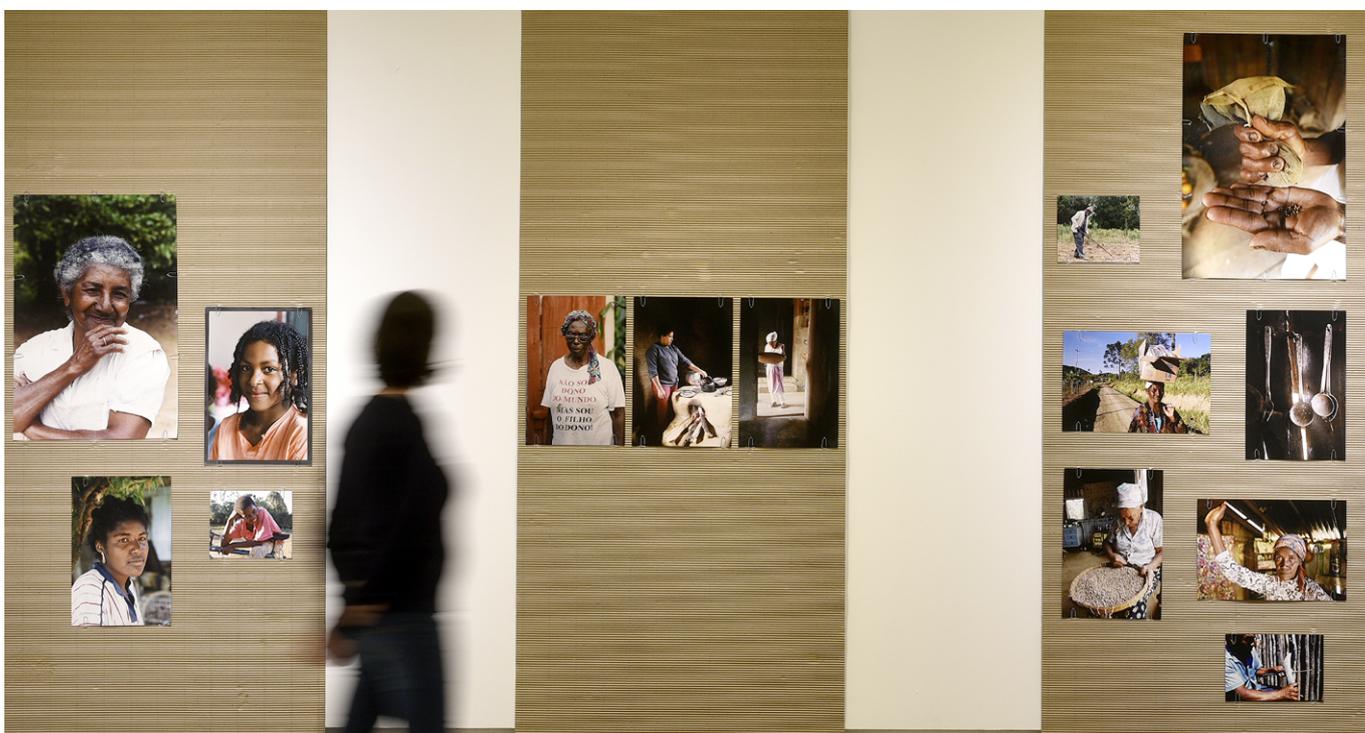
**Estudou** Comunicação Social |  
Jornalismo na UFPR

**Vive e trabalha** em Curitiba, Paraná

### Sobre seu trabalho

A artista busca por meio da fotografia um resgate étnico-social no qual as imagens revivem a memória e a história da resistência e das lutas por direitos iguais entre os povos. Em *A fotografia é uma magia*, ela retrata quilombolas das comunidades paranaenses. As mulheres retratadas nas fotografias representam sua própria história que, apesar dos caminhos diversos tomados, têm com raiz um passado comum: são todas descendentes de escravizados que trabalharam, viveram e morreram em terras paranaenses. Para a realização desse trabalho a artista usou apenas o que considera essencial – uma câmara fotográfica e a luz do cenário local.

*É sempre uma troca: eu as fotografo com a minha câmara e elas me presenteiam com sua memória ancestral.*



## KÊNIA COQUEIRO

**Nasceu** em 1983, em Florianópolis,  
Santa Catarina

**Estuda** Artes Visuais na UFPR  
e na Uninter

**Vive e trabalha** em Curitiba, Paraná

### Sobre seu trabalho

A artista apresenta obras que refletem como a afetividade, ou a falta dela, influencia a autoestima da mulher negra. Busca discutir em sua produção as relações entre a beleza estruturada nos padrões eurocêntricos, a pluralidade da beleza negra, a influência desta troca na formação de identidade étnica e as subjetividades da mulher negra. Na instalação *Coqueiras*, ela apresenta a “fé no amor” como fator comum às mulheres de sua família a partir do vestido de casamento dado de presente pela matriarca da família à sua mãe e utilizado pela artista também em seu matrimônio.

Em *Dedilhadas* e *Tom do Pigmento*, Kênia Coqueiro transforma vozes de mulheres negras em objeto de observação e apreciação, trazendo ao ambiente os corpos dessas mulheres que, com frequência, não são percebidas em suas belezas.



## ATIVIDADE

Proponha que os estudantes façam uma busca em suas casas procurando por roupas passadas de uma geração para outra e por objetos que simbolizem estas relações e memórias familiares.

Cada estudante deve realizar uma instalação com uma peça de roupa e objetos diversos que traduzam uma memória ou lembrança. Após montadas as instalações, peça para que cada estudante conte para a turma a história de seu trabalho e as memórias presentes nele.



# ■ Oficinas e eventos na exposição

## 1. Oficina de criação

com **Lourdes Duarte**

24/07/2019 das 14h às 17h | Sala 8

20 vagas (por ordem de chegada)

## 2. Oficina de bonecas Abayomis

com **Kênia Coqueiro**

31/07/2019 das 14h às 17h | Sala 8

20 vagas (por ordem de chegada)

## 3. Mesa-redonda

**Conversa com artistas**

07/08/2019 das 18h30 às 20h | Miniauditório do MON

## 4. Palestra

**Nós entre mulheres: bordas e bordados**

Com Priscila Frehse, psicanalista, doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo, mestre em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), psicóloga (UFPR).

10/08/2019 das 15h às 17h | Sala 8

30 vagas (por ordem de chegada)

## ■ Referências e textos complementares

CAUQUELIN, Anne. **A Invenção da paisagem**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2007.

BASBAUM, Ricardo. **Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias**. Ricardo Basbaum (org.). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

PEDROSO, Sérgio F. **A carga cultural compartilhada: a passagem para a interculturalidade no ensino de português língua estrangeira**. Disponível em: <[http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Dissertacoes/disserta\\_181\\_200/Sergio\\_Flores\\_Pedroso.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Dissertacoes/disserta_181_200/Sergio_Flores_Pedroso.pdf)>.

BERRIEL, Andréa. **Mulheres que plantam a lua**. Curitiba: Arte Editorial, 2018.

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino fula**. São Paulo: Palas Athena e Casa das Áfricas, 2003.

ESTES, Clarissa P. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

SOUSA, Andréia Lisboa de; SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Oralidade – Cantos e re-encantos: vozes africanas e afro-brasileiras. Geledés**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/oralidade-cantos-e-re-encantos-vozes-africanas-e-afro-brasileiras/>>.

## ■ Glossário

**Acervo:** conteúdo de uma coleção privada ou pública. Pode ser de caráter bibliográfico, artístico, científico, histórico ou documental. Um conjunto de acervo cultural, por exemplo, pode ser de algum documento arquivado, de uma cultura que se perdeu no tempo, ou um conjunto de obras preservado e guardado em um museu.

**Abstracionismo:** refere-se às formas de arte não regidas pela figuração e imitação do mundo. O termo liga-se às vanguardas europeias das décadas de 1910 e 1920, que recusam a representação ilusionista da natureza. Utiliza as relações formais entre cores, linhas e superfícies para compor a obra, sem o objetivo de representar uma figura.

**Arte têxtil:** trabalhos artísticos realizados com técnicas de teares, bordados, tricôs, entre outros. Utiliza tecidos, fibras e fios.

**Estandarte:** bandeira bordada, geralmente com formato de brasão ou escudo.

**Griote/Griot:** profissionais da tradição oral africana, pessoas que têm o ofício de guardar e ensinar a memória cultural na comunidade. Eles armazenam séculos e mais séculos de segredos, crenças, costumes, lendas e lições de vida, recorrendo à memorização. As mulheres são chamadas de Griotes e os homens, Griots.

**Instalação:** gênero artístico que surge no século XX, modalidade de produção artística na qual a obra se relaciona com o espaço expositivo e conseqüentemente com o observador. Saindo dos suportes tradicionais, as instalações criam um ambiente ou cena, que demanda que o observador percorra a área e se relacione com a obra.

**Performance:** gênero artístico que surge no século XX, de caráter interdisciplinar. A performance é o ato do artista, que por vezes segue um roteiro, desenvolvido por ele próprio, e por outras pode trabalhar com a aleatoriedade, como um jogo. Nesta modalidade, o corpo do artista é a mídia.

**Pictórico:** o que é representado visualmente ou por imagens.

**População quilombola:** habitantes dos quilombos – comunidades de resistência da população africana e seus descendentes originadas no período colonial.

**Livro de artista:** a partir da segunda metade do século XX, o livro de artista entra para as artes visuais como um objeto artístico. Segundo Stephen Bury (1995), “O livro é entendido nele mesmo como uma obra de arte.” Em suma, o livro de artista é um objeto de arte que fala por si mesmo, podendo extrapolar inclusive o próprio conceito de “livro” – que não precisa necessariamente ser lido para ser compreendido.

# ■ Ocupe o MAC-PR

## PARA SUA TURMA

Agende uma visita mediada no MAC-PR pelo email [educativomac@seec.pr.gov.br](mailto:educativomac@seec.pr.gov.br) ou pelo telefone (41) 3323-5265.

## PARA SUA FORMAÇÃO

O MAC-PR realiza parceria com a Rede Municipal de Ensino (RME) de Curitiba, a Permanência em Artes, que acontece a cada dois meses na última quarta-feira do mês. As formações acontecem em dois períodos e são abertas à comunidade. Fique atento à nossa programação nas redes sociais do MAC-PR.



mac.pr.gov.br



macparana



mac\_parana

Período expositivo  
Exhibition period  
2019

18 JUL  
11 AGO  
SALA 08  
ROOM

O MAC-PR está em reforma. Durante o período de restauro da sede, inaugurada em 1974, estamos funcionando no MON, com programação nas salas 8 e 9.

### Museu de Arte Contemporânea do Paraná

Rua Marechal Hermes, 999 | Centro Cívico, Curitiba/PR | 41 3323-5328

#### Visitação

Terça-feira a domingo, das 10h às 18 horas.

Entrada gratuita toda quarta-feira.

Nos demais dias, R\$ 20 e R\$ 10 (meia-entrada).

#### FICHA TÉCNICA

Museu de Arte Contemporânea do Paraná

#### Direção

Ana Rocha

#### Pesquisa e redação

Lúcia Venturin de Matos

Maria Aparecida de Lima Gonçalves

Giovana Vespa – estagiária do Setor Educativo

Cláudia Lara – artista

Darlane Martiól de Souza – voluntária

Ketty Keisy – voluntária

Oriana Di Monaco – voluntária

#### Revisão

Marjure Kosugi

#### Design Gráfico

Adriana Salmazo Zavadniak

APOIO



Museu Oscar Niemeyer

REALIZAÇÃO



MUSEU DE ARTE  
CONTEMPORÂNEA  
DO PARANÁ

